

**ETNOCONHECIMENTO SOBRE AS ESPÉCIES MEDICINAIS UTILIZADAS PELA  
POPULAÇÃO DE ARAGUAÍNA, TO**

**ETHNOKNOWLEDGE ABOUT THE MEDICINAL SPECIES USED BY THE  
POPULATION OF ARAGUAÍNA, TO**

Rosely das Chagas Silva<sup>1</sup>  
Beatriz Cardoso Roriz<sup>2</sup>  
Claudia Scareli-Santos<sup>3</sup>

**RESUMO**

O trabalho teve por objetivos realizar um levantamento sobre quais espécies de plantas medicinais são utilizadas pela população de Araguaína, TO; identificar as espécies usadas com maior frequência, motivo, forma de utilização e como são adquiridas; comparar as indicações do uso das plantas medicinais citadas pelos entrevistados com o descrito na literatura. Foram entrevistados 600 moradores da cidade de Araguaína, TO, com idade entre 15 e 90 anos, a maioria mulheres (56,17%), que citaram 80 espécies medicinais, distribuídas em 38 famílias botânicas e 67 gêneros. As espécies, mais citadas foram *Lippia alba* com 16,2%, *Mentha villosa* com 9,9% e *Cymbopogon densiflorus* com 9,5%. Quanto às formas de preparo das plantas medicinais os entrevistados mencionaram que 61,5% utilizam no formato de chá, 10,5% para suco/sumo, 7,6% como garrafada, 4,8% como salada e 3,8% utilizam como banho. Com relação à parte da planta utilizada foram citadas as folhas com 56,7% e frutos com 12,5%. O quintal de casa foi à forma de aquisição citada 80% pelos entrevistados. Concluímos que a população de Araguaína, TO possui conhecimento sobre plantas medicinais e utilizam plantas nativas e exóticas para tratar e prevenir doenças principalmente os problemas respiratórios.

**Palavras-chaves:** Fabaceae. Lamiaceae. *Lippia alba*. Tocantins.

**ABSTRACT**

This study aimed to carry out a survey on which medicinal plants species are used by the population of Araguaína, TO; to identify the species that are used more often, reason, the way

---

<sup>1</sup> Licenciada em Biologia pela Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína, TO. E-mail: roselly\_chagas@hotmail.com

<sup>2</sup> Licenciada em Biologia pela Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína, TO. E-mail: bia\_roriz775@hotmail.com

<sup>3</sup> Docente do curso de Biologia da Universidade Federal do Tocantins, Campus Araguaína, TO. E-mail: scareliclaudia@uft.edu.br

they use and where they are acquired; and also to compare the indications for the use of medicinal plants given by the respondents with the ones described in the literature. 600 residents from the city of Araguaína, TO, aged between 15 and 90 years old were interviewed, mostly women (56.17%), that mentioned 80 medicinal species distributed in 38 botanical families and 67 genera. The most frequently species mentioned were *Lippia alba* with 16.2%, *Mentha villosa* with 9.9% and *Cymbopogon densiflorus* with 9.5%. Regarding the preparation methods of medicinal plants, respondents mentioned 61.5% use them in the form of tea, 10.5% a juice, 7.6% as “garrafada”, 4.8% as salad and 3.8% for bathing. Considering the part of the plant used, the leaves were mentioned most often with 56.7% e fruits with 12.5%. The respondents said that the backyard was the most common source for these plants (80%). We conclude that Araguaína population of has knowledge on medicinal plants and use native and exotic plants to treat and prevent diseases, especially the ones related to respiratory problems

**Key words:** Fabaceae. Lamiaceae. *Lippia alba*, Tocantins.

## 1 INTRODUÇÃO

A Etnobotânica é uma área da ciência que consiste no estudo da interação humana com os aspectos do meio (MARTIN, 1995), é uma disciplina chave, pois consiste em uma ponte entre o saber popular e o conhecimento científico (HAMILTON *et al.*, 2003). Meyer (2012) menciona que a etnobotânica tem a função de evitar que o conhecimento popular relacionado ao uso de plantas medicinais seja perdido, fortalecendo a relação das pessoas com a natureza.

A utilização da fitoterapia faz parte da história da humanidade, desde as épocas mais remotas, os homens já buscavam na natureza os recursos para recuperar a saúde (LORENZI e MATOS, 2008).

O uso de plantas medicinais é realizado por grupamentos culturais que convivem com a natureza e exploram suas potencialidades (ELISABETSKY, 1997). Sendo assim, entende-se por plantas medicinais todas as espécies vegetais que tem um valor de caráter curativo para determinada comunidade (AMOROSO e GELY, 1988). Dessa forma, fica evidente que o emprego de plantas medicinais para a prevenção e o tratamento de doenças está ligado ao conhecimento adquirido através de experiências e passados de gerações para gerações, sendo necessário que essas informações cheguem às pessoas mais jovens, evitando assim o seu desaparecimento com o tempo (MACHADO, 2009).

No Brasil, o surgimento de uma medicina popular com o uso de plantas, é atribuído aos indígenas, com contribuição dos africanos e europeus, tendo em vista, que na época que o país era colônia de Portugal, os médicos estavam restritos as metrópoles e a população da zona rural e suburbana acabavam recorrendo aos tratamentos à base de ervas medicinais (LORENZI e MATOS, 2008). Segundo Cavallazzi (2006), os indígenas utilizavam plantas medicinais para cura das doenças e esses conhecimentos foram aprimorados ao longo de gerações chegando até nós.

O nosso país possui uma das maiores diversidades vegetais do mundo (LORENZI, 2009) e o uso de plantas medicinais tem se tornado cada vez mais frequente pela população devido ao elevado valor dos remédios industrializados (ALTHAUS–OTTMANNET; CRUZ; FONTE, 2011). Segundo Pizziolo *et al.* (2011) as plantas medicinais apresentam um custo bem mais baixo, sendo que a maioria das vezes são cultivadas nos quintais das residências ou compradas em feiras livres.

As plantas medicinais constituem uma parte importante deste universo botânico e o conhecimento sobre as mesmas precisa ser preservado. Para Bessa *et al.* (2013), as pesquisas que comprovem a presença de constituintes fitoquímicos em espécies nativas ajudam a validar o uso de plantas medicinais com a finalidade de conservação dos biomas brasileiros. Segundo Botrel *et al.* (2006), apesar das muitas pesquisas sobre a composição florística de diferentes biomas brasileiros, como a Mata Atlântica, o Cerrado e a Amazônia, poucos são os estudos sobre a procedência das plantas medicinais e a relação estabelecida pelas populações locais com os remanescentes de vegetação natural, frente às questões de práticas de manejo e conservação, bem como o resgate e a preservação da cultura popular transmitida a gerações. Cabe ressaltar a contribuições de Rodrigues e Carvalho (2001) e de Bessa *et al.* (2013) sobre diversas espécies nativas do bioma Cerrado, de Pinto; Amorozo; Furlan (2006) para a Mata Atlântica e de Berg (2010) para as espécies amazônicas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que 85% da população mundial utiliza espécies medicinais para o tratamento de enfermidades (BRASIL, 1998). Entretanto, estes vegetais também podem provocar reações adversas. Oliveira; Godoy; Costa (2006) descrevem que os casos de intoxicação em adultos ocorrem pelo uso inadequado de plantas medicinais, alucinógenas e abortivas.

Desse modo, vemos que algumas plantas medicinais podem possuir caráter tóxico, estas espécies possuem substâncias que, por suas propriedades naturais, físicas, químicas ou físico-químicas, alteram o conjunto funcional-orgânico em vista de sua incompatibilidade vital,

conduzindo o organismo vivo a reações biológicas diversas, o que nos remete a afirmar o quanto é necessário evitar a automedicação com plantas medicinais, uma prática comum no nosso país (ALBUQUERQUE, 1980; BRASIL, 1998) e, também, incentivar o desenvolvimento de pesquisas nessa área, tendo em vista, que ainda são poucas as contribuições científicas que comprovam a eficácia do uso de medicamentos derivados de plantas, levando em conta a grande diversidade da flora brasileira (USTULIM *et al.* 2009).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) recomenda alguns cuidados com o uso de plantas medicinais como:

- i) utilizar sempre plantas que você conhece bem; ii) nunca coletar plantas medicinais junto a locais que possam ter recebido agrotóxicos; iii) as plantas medicinais devem ser secadas a sombra, até se tornarem quebradiças antes de serem utilizadas; iv) não armazenar por longos períodos; v) evitar mistura de plantas medicinais; vi) não utilizar durante a gravidez, dessa forma espera-se que não ocorram imprevistos ocasionados com o uso inadequado de plantas medicinais (BRASIL, 2010).

O uso de plantas medicinais vem despertando interesse científico, possibilitando assim pesquisas visando avaliar a eficácia, a melhor forma de uso, as reações adversas e as interações medicamentosas. A execução deste trabalho se justifica pela relevância do tema e na aplicabilidade na área biológica, principalmente no âmbito da etnobotânica. O trabalho teve por objetivos realizar um levantamento sobre quais espécies de plantas medicinais são utilizadas pela população de Araguaína, TO; identificar as espécies usadas com maior frequência, motivo, forma de utilização e como são adquiridas; comparar as indicações do uso das plantas medicinais citadas pelos entrevistados com o descrito na literatura.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

O trabalho foi realizado na cidade de Araguaína, localizada na região norte do Estado do Tocantins, coordenadas geográficas 07°11'28" de latitude sul, 48°12'26' de longitude oeste. Possui clima tropical, área de 4.000,416 Km<sup>2</sup> e uma população estimada de 170.183 habitantes, (IBGE, 2015).

Foram analisados a diversidade e o uso das espécies vegetais medicinais pela população em 20 bairros os mesmos correspondem a mais de 20% de todos os bairros da cidade, são eles: Setor Ana Maria, Araguaína Sul, Céu Azul, Coimbra, Cimba, Eldorado, Jardim das Flores, Santa Terezinha, Brasil, Urbano, Neblina, Morada do Sol, Noroeste, Patrocínio, Raizal, Tecnorte, Tereza Hilário, Tiúba, Tocantins e Bairro São João (Fig. 1). Foram realizados sorteios

de 10 ruas por bairros e de três casas por rua; um morador de cada casa sorteada foi entrevistado mediante aplicação de um questionário semiestruturado.

No questionário foram avaliados os seguintes aspectos: 1. Quais são as plantas medicinais de maior consumo; 2. Quais os usos atribuídos às plantas medicinais; 3. Análise dos conhecimentos empíricos sobre o uso das plantas medicinais; 4. Forma mais frequente de aquisição das plantas medicinais. Os resultados foram organizados em um banco de dados que possui as seguintes informações: nome comum, origem, família botânica e nome científico, sendo que estes dois últimos foram corroborados utilizando a base de dados TROPICOS, do Missouri Botanical Garden (TROPICOS, 2015).

Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema para fazer a análise comparativa das indicações do uso das plantas medicinais citadas pelos entrevistados com o descrito na literatura científica.

A presente pesquisa está em consonância com a Resolução 196 de 10 de outubro de 1996 do Ministério da Saúde, a qual define os princípios da Bioética sobre os trabalhos que envolvem seres humanos. Foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins, sob o número 011/2014.

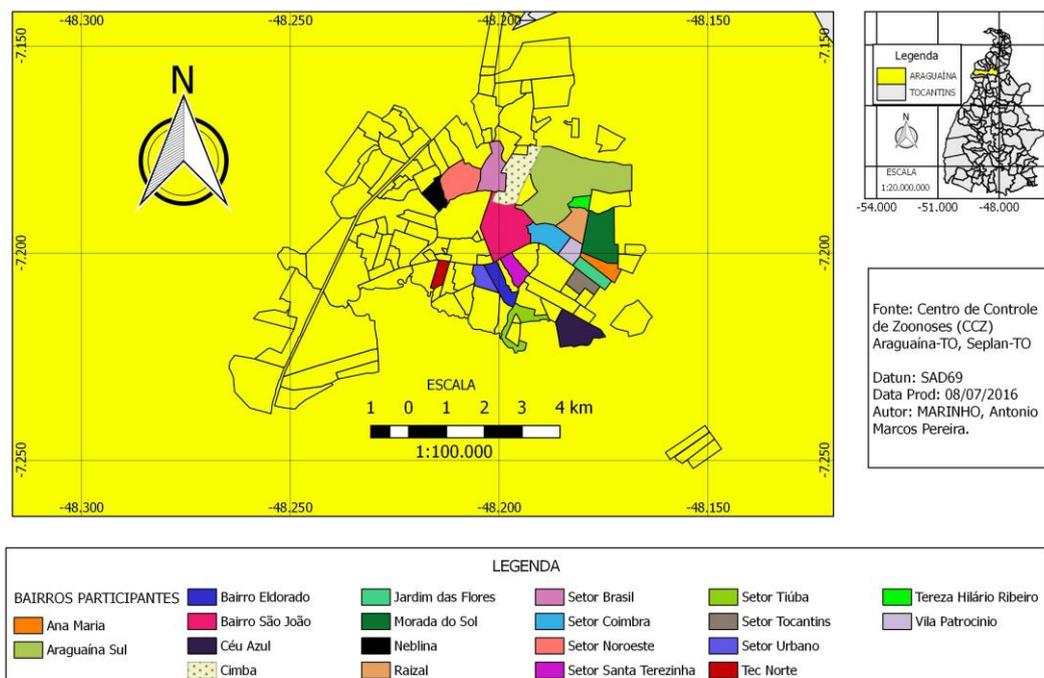


Fig. 1 Bairros do município de Araguaína, TO, onde foram realizadas as entrevistas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 600 moradores dos 20 bairros do município, onde 75,5% dos entrevistados afirmaram fazer uso da medicina popular em suas residências. As mulheres correspondem a 56,17% do público participante da pesquisa. Foram entrevistadas pessoas com faixa etária entre 15 e 90 anos, sendo que 22,3% corresponderam à maioria dos entrevistados, com idades entre 31 a 40 anos, seguida de 18,8% de 21 a 30 anos, 15,8% de 41 a 50 anos, 13% de 15 a 20 anos, 8,3 de 61 a 70 anos; 7,6% de 71 a 80 e 2% de 81 a 90 anos. No levantamento realizado por Silva *et al.* (2015) na comunidade Sítio de Nazaré, no Ceará, as mulheres também representaram a maior parte do público entrevistado com 67%, os autores da pesquisa justificaram esta observação com o fato delas passarem mais tempo em casa enquanto os homens trabalham fora.

#### 3.1 Espécies vegetais medicinais utilizadas pela população de Araguaína, TO

Foram citados 80 nomes populares de plantas medicinais, as mesmas não foram coletadas, sendo identificadas de acordo com o nome mencionado pela população. Foi possível identificar 38 famílias botânicas distribuídas em 67 gêneros. As famílias mais frequentes foram Lamiaceae (25%), Fabaceae (22,2%) e Asteraceae (19,4%) como mostra a tabela 1, estas também foram as mais representadas nas pesquisas de Silva, Quadros e Neto (2015) na região de Matinhos (PR) e por Oliveira e Gondim em Caldas Novas, GO (2013).

Os 80 nomes de plantas medicinais mencionados pela população somam um total de 465 citações, sendo que 74% delas foram mencionadas por várias pessoas (de 6 a 75 vezes) e 26% foram citadas entre uma e cinco vezes pela população entrevistada. No trabalho realizado por Oliveira e Gondim em Caldas Novas, GO (2013) observou-se, que 251 entrevistados mencionaram 92 plantas medicinais e um total de 586 citações, portanto fica evidente que a população de Caldas Novas citou um número maior de espécies medicinais, que a população de Araguaína, TO.

As espécies mais citadas pela população de Araguaína foram *Lippia Alba* (Mill.) N.E. Br. (erva cidreira) com 16,2% das citações, *Mentha villosa* Huds. (hortelã) com 9,9% das citações, *Cymbopogon densiflorus* (Steud.) Stapf (capim santo) com 9,5% das citações e *Vernonia condensata* Baker (boldo) com 6,5% das citações (Tab. 1), as mesmas plantas também estão entre as dez mais citadas na pesquisa realizada por Oliveira e Gondim (2013) neste trabalho V.

*condensata* foi mencionada em 14% das citações, sendo a espécie citada com mais frequência pela população de Caldas Novas, GO, as demais *L. alba* foi citada em 9% das vezes, *M. villosa* foi citada 5,9% das vezes e *C. densiflorus* em 0,8% das citações.

### **3.2 Usos, atribuições e aquisição das espécies medicinais utilizadas pela população de Araguaína, TO**

Os entrevistados citaram 57 diferentes indicações terapêuticas, dentre estas estão dores de barriga, cabeça, ouvido, de estômago e como calmante e às vezes os entrevistados citaram nomes de doenças como diabetes, gastrite, hipertensão e gripe. Resultados semelhantes foram encontrados por Battist *et al.* (2013) em seu trabalho realizado no município de Palmeira das Missões, RS. Os resultados mostram que as doenças ou sintomas mais frequentes mencionados pela população de Araguaína, TO, foram gripe (6,5%), calmante (3%), febre (2,8%), cicatrizante (2,8%), dor de barriga (2,3%) e dor de garganta (2,1%) (Tab. 1), resultado similar ao encontrado por Freitas *et al.* (2012) em São Miguel, no estado do Rio Grande do Norte, onde a população amostrada citou 60 espécies e um total de 54 doenças/sintomas, sendo as mais frequentes gripe e resfriado (9,7%).

As espécies indicadas para o maior número de doenças e sintomas foram, em ordem decrescente *M. villosa* (25,8%), *C. ambrosioides* (18%), *C. sinensis* (17,2%), *L. alba* (15,5%), *Morinda citrifolia* L. (13,7%), *P. barbatus* (13,7%), *R. officinalis* (13,7%) e *E. globulus* (12%), como detalhada na Tabela 2. Em estudos realizados por Freitas *et al.* (2012) as espécies indicadas para mais doenças/sintomas foram: *C. sinensis* (20,3%), *M. villosa* e *C. densiflorus* com 14,8%, observando assim a predominância dessas três espécies nas duas pesquisas.

Das espécies citadas na presente pesquisa foi verificado que 75,5% são exóticas 24,5% são nativas do Brasil (Tab. 1), resultados contrários foram encontrados por Almeida Neto, Barros e Silva (2015) na Serra de Passa-Tempo (Piauí) e por Meyer, Quadros e Zeni (2012) em Santa Bárbara (SC), onde as espécies nativas predominaram. Entre as nativas temos nove espécies do bioma Cerrado são elas: *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville (barbatimão), *Schinus terebinthifolius* Raddi (aroeira), *Mauritia flexuosa* L. f. (buriti), *Hancornia speciosa* Gomes (mangabeira), *Pterodon emarginatus* Vogel (sucupira), *Caryocar brasiliense* Cambess. (pequiizeiro), *Copaifera langsdorffii* Desf. (copaíba/podói), *Anacardium occidentale* L. (cajueiro) e *Stychnos pseudoquina* A. St.-Hil. (quina). As espécies

*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan (angico) e *Caesalpinia ferrea* Mart. (jucá), ambas nativas da Caatinga, também foram citadas.

Quanto às formas de preparo das plantas medicinais 61,5% dos entrevistados mencionaram que utilizam no formato de chá, seguido de 10,5% para suco/sumo, 7,6% como garrafada, 4,8% como salada e 3,8% utilizam como banho. O emprego do óleo como medicinal correspondeu a 3,8%, das citações da pesquisa, onde os entrevistados mencionaram os óleos de *M. flexuosa* (buriti), *P. emarginatus* (sucupira) e de *C. langsdorffii* (copaíba/podói), utilizados para o tratamento de cicatrização de feridas e o óleo de *Caryocar brasiliense* para problemas respiratórios. Também foram citados o emplasto e o xarope ambos com 2,8%; a espécie *Mentha arvensis* L., popularmente conhecida como vique, foi citada 0,96% como inalação, o mesmo percentual citou o gel de *Solidago chilensis* Meyer (arnica) para combater dores musculares (Tab. 1). Os resultados foram semelhantes aos obtidos por Meyer, Quadros e Zeni (2012).

Com relação à parte da planta utilizada como medicinal (Tab. 1), foram citadas as folhas com 56,70%, seguido dos frutos com 12,50% e casca do caule com 8,6%; estes dos últimos são utilizados no preparo de chá, xaropes, garrafadas, emplastos e para inalação. Com menor número de citações, temos as flores, o bulbo e a casca do fruto ambos com 1,9% das indicações. As raízes corresponderam a 2,8% das citações, como exemplos citaram o preparo do chá de *Turnera ulmifolia* L. para tratamento de problemas renais e de *Taraxacum officinale* L. para amenizar problemas digestivos. Os entrevistados também afirmaram que utilizam toda a planta (2,8%), sementes (5,7%), casca do fruto (1,9%) e caule (3,8%).

Ao questionar sobre a aquisição das plantas para preparar os seus medicamentos, 80% afirmaram ter plantado no quintal de casa, seguido de 13,3% que adquirem das casas dos vizinhos e ou parentes, 6,6% afirmam que compram em feiras-livres e 1,3% declarou que adquirem as plantas em farmácias de manipulação. Segundo levantamentos realizados por Althaus-Ottmann; Cruz; Fonte (2011) e Meyer; Quadros; Zeni (2012) as pessoas possuem o hábito de cultivar uma grande variedade de plantas medicinais em seus quintais. Os resultados foram corroborados por Freitas *et al.* (2012) em seu estudo realizado em 20 quintais de casas, localizadas na área urbana, do município de Sítio Cruz (RN) onde foram encontrados de sete a 52 espécies medicinais em cada quintal.

**Tabela 1.** Dados etnobotânico das espécies medicinais utilizadas pela população do município de Araguaína, TO. Abreviações utilizadas: N: nativa; E: exótica; F: folha; B: bulbo; Td: toda a planta; Cc: casca do caule; Cf: casca do fruto; Ft: fruto; Fr: flor; S: semente; R: raiz; C: caule; Sl: salada; Gl: gel; Ch: chá; G: garrafada; X: xarope; Em: emplasto; Su: sumo/ suco; Ba: banho, O: óleo; In: inalação.

Família botânica	Nome da espécie	Origem	Nome popular	Percentual de citações	Indicação/ entrevistados	Parte da planta	Forma de preparo
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham.& Schlttd.	E	Sabugueiro	1,0	Sarampo; catapora	F	Ch
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	E	Mastruz, erva-de-santa-Maria	4,2	Inflamação; verminoses; febre; cicatrizante; calmante	F	Ch
					Cicatrizante	F	Em
					Infecção, verminose	F	G
					Inflamação, verminoses, febre, cicatrizante, antibiótico, depurativo do sangue; dor de barriga e de garganta; má digestão	F	Su
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	E	Alho	0,6	Cicatrizante	Tp	Su
Amaryllidaceae	<i>Allium cepa</i> L.	E	Cebola	1,0	Gripe; febre	B	Ch
					Prevenção ao câncer do colo, do reto e do estômago; redução do colesterol	B	Sl
Amaryllidaceae	<i>Allium schoenoprasum</i> L.	E	Cebolinha	0,4	Dor de garganta; sinusite	F	Ch
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	N	Cajueiro	0,2	Cicatrizante	Cc	G

Revista São Luís Orione - Volume 1 – nº 13 –  
2018

Continuação da tabela 1...

Família botânica	Nome da espécie	Origem	Nome popular	Percentual de citações	Indicação/entrevistados	Parte da planta	Forma de preparo
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	E	Mangueira	1	Gripe; fraqueza	F	Ba
					Infecção	Cc	G
					Cicatrizante	F	G
					Dor de cabeça; inflamação	F	Ch
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	N	Aroeira	1	Dor de cabeça; problemas no estômago; depurativo do sangue	Cc	G
Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	E	Graviola	1	Hipertensão	F	Ch
Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	E	Ata	0,2	Problemas renais	F	Ch
Apiaceae	<i>Anethum graveolens</i> L.	E	Endro	0,2	Cólicas	Ft	Ch
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	E	Coentro	0,6	Má digestão; febre; gripe	F	Ch
					Dor de cabeça; febre; gripe	S	Ch
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	E	Erva doce	1,8	Inflamação; hipertensão; insônia; calmante; febre	S	Ch
Apocynaceae	<i>Geissospermum sericeum</i> Benth. & Hook. f. ex Miers	E	Pau pereira	0,2	Diabetes	Cc	Ch
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	N	Mangabeira	0,4	Inflamação; gastrite	Cc	G
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	E	Coco	0,2	Cólica de bebê	Cf	Ch
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	N	Buriti	0,2	Cicatrizante	Ft	O
Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyer	E	Arnica	0,6	Gripe; dor de cabeça, de ouvido, de barriga e dores musculares	F	Ch
					Dores musculares	F	Ge
Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> (Mill) DC	E	Losna	0,2	Dor de estômago	F	Ch
Asteraceae	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	E	Anador	1	Gripe; calmante; dor de cabeça, de ouvido e de barriga	F	Ch
Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	E	Picão	0,4	Verminoses	F	Ch
Asteraceae	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	E	Camomila	0,6	Calmante; cólica; gripe	Fr	Ch
					Calmante; cólica; gripe	S	Ch
Asteraceae	<i>Taraxacum officinale</i> L.	E	Dente-de-leão	0,4	Indigestão; problemas no fígado/fígado, vesícula	R	Ch
Asteraceae	<i>Vernonia condensata</i> Baker	E	Boldo	6,4	Dor de barriga, de estômago e de cabeça; problemas no fígado	F	Ch
Boraginaceae	<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	N	Porangaba	0,2	Diabetes	F	Ch
Boraginaceae	<i>Heliotropium indicum</i> L.	N	Fedegoso	0,2	Gripe	F	Ch
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	E	Confrei	0,2	Câncer	F	Ch
Brassicaceae	<i>Nasturtium officinale</i> W. T. Aiton	E	Agrião	0,6	Infecções pulmonar; gripe; resfriado	F	Su
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	E	Mamoeiro	0,4	Má digestão	F	Ch
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	N	Pequi	0,2	Diabetes	Fr	Ch
					Gripe; dor de garganta, tosse	Ft	O

Revista São Luís Orione - Volume 1 – nº 13 –  
2018

Continuação da Tabela 1 ...

Família botânica	Nome da espécie	Origem	Nome popular	Percentual de citações	Indicação	Parte da planta	Forma de preparo
Convolvulaceae	<i>Ipomoea purga</i> (Wender.) Hayne	E	Jalapa, Batata de purga	0,4	Dor de barriga; prisão de ventre	F	Ch
Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Kurz	E	Pau santo	1,8	Gastrite; cicatrizante; dor de estômago, nas costas; gripe	F	Su
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	E	Pau pelado	0,2	Verruga	C	Em
Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	N	Mandioca	0,2	Gripe; fraqueza	F	Ba
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	N	Angico	0,2	Tosse	Cc	Ch
Fabaceae	<i>Bauhinia forficata</i> Link	E	Pata - de - vaca	0,4	Infecção	F	Ch
Fabaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	N	Jucá	0,2	Infecção	Ft	G
Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	E	Feijão-andú, feijão guandu	0,2	Hipertensão	F	Sl
Fabaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	N	Copaíba, Podói	0,6	Gripe; infecção; inflamação	F	Ch
					Infecção; cicatrizante	C	O
Fabaceae	<i>Lens esculenta</i> Moench	E	Lentilha	0,2	Problemas intestinais	S	Sl
Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	N	Barbatimão	0,2	Problemas intestinais	Cc	Ch
Fabaceae	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	N	Sucupira	0,2	Cicatrizante	Ft	O
					Dor de garganta	Ft	Ch
Lamiaceae	<i>Mentha arvensis</i> L.	E	Vique, vick	1,8	Gripe; calmante dor de cabeça e de garganta	F	Ch
					Dor de cabeça, gripe	F	In
Lamiaceae	<i>Mentha sect. pulegium</i> Coss. & Germ.	E	Poejo	1	Gripe; febre; dor de garganta	F	Ch
Lamiaceae	<i>Mentha villosa</i> Huds.	E	Hortelã	9,8	Gripe; calmante; cólicas menstruais; emagrecimento, gases; cólicas de bebê; náuseas; verminoses; mal hálito, dor de barriga, de cabeça, de garganta; infecções; sinusite; resfriado	F	Ch
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	E	Alfavaca	1	Gripe; dor de cabeça	F	Ch
					Gripe; fraqueza	F	Ba
Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	E	Malva do reino	6,1	Gripe; dor de garganta; tosse; calmante; inflamação	F	Ch
					Gripe; dor de garganta	F	X
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	E	Sete dores	1,8	Hipertensão; calmante; dor de cabeça, de ouvido, de barriga e de estômago cólicas menstruais, problemas no fígado	F	Ch
Lamiaceae	<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	E	Boldo da china	0,6	Problemas no estômago, no fígado	F	Ch

Revista São Luís Orione - Volume 1 – nº 13 –  
2018

Continuação da Tabela 1 ...

Família botânica	Nome da espécie	Origem	Nome popular	Percentual de citações	Indicação/ entrevistados	Parte da planta	Forma de preparo
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	E	Alecrim	1,9	Dor de cabeça e de barriga; febre; calmante; problemas no coração; má circulação; menopausa	F	Ch
Lamiaceae	<i>Salvia officinalis</i> L.	E	Sálvia	0,2	Menopausa	F	Ch
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	E	Canela	0,6	Hipertensão; gripe	Cc	Ch
Linaceae	<i>Linum usitatissimum</i> L.	E	Linhaça	0,2	Gripe; calmante Problemas intestinais	F S	Ch Sl
Loganiaceae	<i>Stychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	N	Quina	1	Tosse; gripe; hipertensão	Cc	Ch
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	E	Romã	2,0	Dor de garganta; tosse; gripe; febre; sinusite	Ft	Ch/ X
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	E	Algodão	2,2	Inflamação; cicatrizante	F	Su
Malvaceae	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	E	Vinagreira	0,2	Emagrecer	F	Ch
Mapigiaceae	<i>Malpighia emarginata</i> D C.	E	Acerola	0,2	Fortificante; gripe	Ft	Su
Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i> A.Juss.	E	Ninho	0,2	Problemas no estômago; gastrite; úlcera	F	Ch
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	E	Eucalipto	2	Anti-inflamatório; gripe; asma, calmante; dor de garganta; sinusite; tosse	F	Ch
Myrtaceae	<i>Psidium pomifera</i> L.	E	Goiaba	0,6	Dor de barriga; diarreia; inflamação	F	Ch
Myrtaceae	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	E	Cravo-da-índia	0,2	Dor de garganta	Ft	Ch
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	N	Maracujazeiro	0,2	Insônia	Ft	Su
Passifloraceae	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	E	Chanana	0,4	Problemas renais	R	Ch
Pedaliaceae	<i>Sesamum orientale</i> L.	E	Gergelim	0,2	Pneumonia	S	Su
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	E	Quebra-pedra	0,6	Problemas renais	Tp	Ch
Poaceae	<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) Stapf	E	Capim-santo	9,4	Gripe; dor de barriga, de cabeça; calmante; febre; problemas no estômago	F	Ch
					Dor de cabeça; febre	R	Ch
Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	E	Cana-caiana	0,2	Hipertensão	F	Ch
Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	E	Noni	2	Diabetes; gastrite; gripe; câncer; anemia; ressecamento; inflamação, colesterol; dores na coluna	Ft	G
Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. F	E	Limoeiro	0,6	Gripe; cólica menstrual; calmante	F	Ch
					Gripe; febre; dor de garganta; sinusite	Ft	Ch

Continuação da Tabela 1 ...

Família botânica	Nome da espécie	Origem	Nome popular	Percentual de citações	Indicação/ entrevistados	Parte da planta	Forma de preparo
Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	E	Laranja	0,6	Problemas no fígado, no intestino; diarreia, dores de estômago; dor de barriga; cólicas intestinais	Cf	Ch
					Gripe; febre; calmante; cicatrizante; problemas no fígado, no intestino; diarreia, dor de barriga	F	Ch
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	E	Arruda	0,4	Infecções; verminose; dor de cabeça; problemas no estômago	F	Ch
Scrophulariaceae	<i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schldl.	N	Carro santo	0,2	Asma	F	Ch
Solanaceae	<i>Solanum melongena</i> L.	E	Berinjela	0,2	Colesterol	F	Su
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	N	Jurubeba	0,2	Problemas no fígado	F	Ch
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	E	Erva cidreira	16,1	Calmante; gripe; resfriado; dor de cabeça; hipertensão; problemas no estômago; cicatrizante; cólica em bebê	F	Ch
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	N	Gervão	1,5	Gripe; fraqueza	F	Ba
					Problemas renais; antibiótico; cicatrizante	F	Ch
					Cicatrizante	F	Su
					Cicatrizante; infecções	Tp	Su
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	E	Babosa	3,1	Queimadura	F	Em
					Gripe; tosse; gastrite; febre	F	X
Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	E	Açafrão	0,2	Catapora; gripe; dor de garganta	C	Ch
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	E	Gengibre	0,4	Gripe; calmante; inflamação; tosse; dor de garganta; enjoos matinais na gravidez,	C	Ch

### 3.3. Interações entre as informações populares e científicas acerca das espécies medicinais

A seguir, detalhes sobre as espécies medicinais mais citadas pela população de Araguaína, TO e comparação entre os usos mencionados nas entrevistas com os descritos na literatura (Tab. 2).

O subarbusto *Lippia Alba* (Mill.) N. E. Br. possui distribuição por todo o país, que pode atingir até 1,5 metros de altura. Popularmente essa espécie é denominada erva-cidreira, cidreira-brava, erva-cidreira-de-arbusto, cidrila, falsa-melissa, salva-do-Brasil, chá-de-tabuleiro, alecrim-selvagem, erva-cidreira-brasileira, erva-cidreira-do-campo, cidreira-carmelitana, alecrim-do-campo, sálvia e melissa. Os participantes de pesquisa indicaram esta espécie para o tratamento de hipertensão, calmante, gripe, resfriado, dor de cabeça, problemas no estômago, cicatrizante e também para amenizar as cólicas em bebês. Informações estas que foram corroboradas pela literatura. Além dessas aplicações a erva-cidreira pode ser eficiente no tratamento de cólicas uterinas e intestinais e também de enxaqueca (Lorenzi; Matos, 2002).

A *Mentha villosa* Huds, conhecida como hortelã-rasteira, hortelã-de-panela, hortelã e menta-vilosa, é uma erva perene, de porte ereto, com 30 a 40 cm de altura. Os dados obtidos neste trabalho indicaram o uso do chá desta espécie para o tratamento de gripes, resfriado, como calmante, como alívio da cólica menstrual, cólicas de bebê, dores de barriga, de cabeça, de garganta, como auxiliar no processo de emagrecimento, e também para tratamentos infecções, náuseas, mal hálito, sinusite e como vermífuga. A literatura também indica seu uso como antiespasmódica, carminativa, estomáquica, anti-helmíntica e para o controle da diarreia com sangue (LORENZI e MATOS, 2002).

O *Cymbopogon densiflorus* (Steud.) Stapf, conhecido popularmente como: capim-cheiroso, capim-cidreira, capim-limão, capim-santo, capim-de-cheiro, capim-marinho, capim-cidrô, chá-de-estrada, cidró, citronela de java, capim-cidrilho, patchuli, capim-catinga, capim-ciri, grama-cidreira e capim-citronela, foi citado pelos entrevistados como remédio para baixar febre, eliminar dor de cabeça, gripe e problemas no estômago e como calmante. Lorenzi e Matos (2002) também afirmam seu uso no tratamento de cólicas uterinas e intestinais.

A *Vernonia condensata* Baker, conhecida popularmente como: boldo, alumã, aloma, aluman, luman, alcachofra, figatil, boldo-de-goias, heparém, boldo-chines, boldo-goiano, boldo-japonês, boldo-baiano. É um arbusto grande ou arvoreta, pouco ramificada, de ramos quebradiços, de 2 a 4 m de altura, nativa possivelmente da África, tropical e trazida ao Brasil ainda nos tempos coloniais pelos escravos. Indicada pelos entrevistados para dores de estômago, de barriga, de cabeça e para problemas no fígado. Segundo a literatura também é utilizada como analgésico, para inflamações na vesícula, estimulante do apetite, diarreia, insuficiência hepática, gases intestinais, cálculos biliares, colesterol alto (LORENZI e MATOS, 2002).

O *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng. conhecido como: malva-do-reino, malvarisco, malvariço, malvaíscio, hortelã-graúda, hortelã-grande, hortelã-da-folha-grossa, hortelã-de-folha-graúda, hortelã-da-bahia, malva-de-cheiro é uma erva perene, ereta, muito aromática de 40cm a 1m de altura. Origem na Nova Guiné e cultivada em todos os países tropicais e subtropicais, incluindo o Brasil. Citada pela população para tratar gripe, dor de garganta, tosse, calmante e inflamações. A literatura cita ainda o uso para: bronquite, tratamento de feridas por leishmaniose cutânea, problemas ovarianos e uterinos (LORENZI e MATOS, 2002).

O *Chenopodium ambrosioides* L. popularmente chamado de erva-de-santa-maria, ambrisina, ambrósia-do-méxico, caácica, cambrósia, canudo, chá-do-méxico, chá-dos-jesuítas, cravinho-do-mato, erva-das-cobras, erva-dos-formigueiros, erva-embrósia, erva-formigueira, erva-pomba-rota, erva-santa, lombrigueira, mastruço, mastruz, mata-cobra, mentrei, mentruço, mentrusto, mentruz, pacote e quenopódio. É uma erva perene, com até 1m de altura. É originária da América Central e do Sul e espontânea no sul e sudeste do Brasil. Na presente pesquisa os entrevistados indicaram para inflamação, verminoses, febre, cicatrizante, calmante, antibiótico e como depurativo do sangue. Para a literatura também pode ser empregada para bronquite, tuberculose, contusões e fraturas (LORENZI e MATOS, 2002).

A *Aloe vera* (L.) Burm. f. é conhecida como babosa, babosa-grande, babosa-medicinal, caraguatá-de-jardim, erva-babosa e aloe-do-cabo. Planta herbácea, suculenta de até um metro de altura, de origem provavelmente africana. Indicada pela pesquisa para gripe, tosse, gastrite, febre e para cicatrização de queimaduras. É utilizado como cicatrizante de ferimentos superficiais, tratamento de hemorroidas dores reumáticas e laxante. Importante ressaltar que esta planta possui caráter tóxico e em doses elevadas podem ser prejudiciais (LORENZI e MATOS, 2002).

O *Gossypium hirsutum* L. conhecido popularmente como algodão, algodoeiro, algodão-herbácio, algodão-mocó, algodão-anual. Subarbusto, ou arbusto de aspectos variáveis, chega até 2 m de altura, pouco ramificado. Originário dos troncos americanos. Indicada pelos entrevistados para tratar: Inflamações e como cicatrizante. LORENZI e MATOS (2002) recomendam o uso desta espécie para: diarreia, hemorroida uterina, cicatrizante, amenorreia, falta de memória, distúrbios da menopausa, impotência sexual, micoses e vermes.

O *Eucalyptus globulus* Labill. conhecido como eucalipto, árvore-da-febre, comeiro-azul, gomeiro-azul, mogno-branco, eucalipto-limão. Árvore de grande porte, mede até 60m de altura, com folhas coriáceas, opostas, de dois tipos morfológicos diferentes. Origem na

Tasmânia. Uso indicado pela população: anti-inflamatório, gripe, asma, calmante, infecções respiratórias, dor de garganta, sinusite e tosse coincidindo com os tratamentos presentes na literatura (LORENZI e MATOS, 2002).

O *Morinda citrifolia* L. conhecida como noni, não foram encontradas na literatura variação regionais de nomenclatura popular. Arbusto que pode medir de 3 a 10 m de altura, os frutos são ovais, possuem, contém muitas sementes e podem chegar a pesar 800 gramas. Os entrevistados afirmaram seu uso no tratamento de diabetes, gastrite, câncer, anemia, inflamação, para diminuir taxa de colesterol e para dores na coluna. Segundo a literatura é indicado como antibactericida, analgésico, para alívio da congestão nasal, antioxidante, expectorante, anti-inflamatório, adstringente e purificador do sangue (EMBRAPA, 2009).

**Tabela 2.** Indicações do uso das espécies medicinais obtidas nas entrevistas e na literatura.

Nome da espécie	Nome popular	Indicações	
		Entrevistados	Literatura
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	Erva cidreira	Calmante; gripe; resfriado; dor de cabeça; hipertensão; problemas no estômago; cicatrizante; cólica em bebê	Calmante; expectorante; cólicas uterinas e intestinais.
<i>Mentha villosa</i> Huds	Hortelã	Gripes, resfriado, calmante, como alívio da cólica menstrual, cólicas de bebê, dores de barriga, de cabeça, de garganta, emagrecimento, infecções, náuseas, mal hálito, sinusite e como vermífuga	Vermífogo, problemas vaginais.
<i>Cymbopogon densiflorus</i> (Steud.) Stapf	Capim-santo/ Capim - cidreira	Gripe; dor de barriga, de cabeça; calmante; febre; problemas no estômago	Cólicas uterinas e intestinais; analgésico; calmante.
<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo	Dor de barriga, de estômago e de cabeça; problemas no fígado	Gases intestinais; insuficiência hepática; inflamação na vesícula; analgésico, sífilico; distúrbios do fígado e estômago; colesterol; diarreia.
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Malva do reino	Gripe; dor de garganta; tosse; calmante; inflamação	Feridas por leishmaniose cutânea; tosse; dor de garganta; bronquite; problemas ovarianos e uterinos
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz, erva-de-santa-Maria	Inflamação, verminoses, febre, cicatrizante, antibiótico, depurativo do sangue; dor de barriga e de garganta; má digestão	Bronquite, tuberculose; contusões, fraturas; vermífogo.*
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	Queimadura, gripe; tosse; gastrite; febre	Queimadura, ferimentos superficiais da pele; hemorroidas inflamadas; dores reumáticas e laxante. *

Continuação da tabela 2...

Nome da espécie	Nome popular	Indicações	
		Entrevistados	Literatura
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	Inflamação; cicatrizante.	Disenteria; hemorragia uterina; cicatrizante; menopausa; impotência sexual; vermífogo. *
<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	Anti-inflamatório; gripe; asma, calmante; dor de garganta; sinusite; tosse.	Gripe; congestão nasal; sinusite; laringite. *
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Diabetes; gastrite; gripe; câncer; anemia; ressecamento; inflamação, colesterol; dores na coluna.	Antibactericida, analgésico; congestão nasal, antioxidante, expectorante, anti-inflamatório, adstringente; purificador do sangue. **
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Dor de garganta; tosse; gripe; febre; sinusite.	Inflamação na boca e na garganta; catarata; vermes, diarreia crônica; disenteria amebiana, contra gengivites e faringites, afecções vaginais e leucorreia. *

Legenda: \* Lorenzi e Matos (2010); \*\* EMBRAPA (2009).

A *Punica granatum* L. denominada popularmente como: romanzeiro, romanzeira, romeira, gramada, milagrada, milagreiro, milagrão, romeira-de-gramada ou miligrana. Arbusto ramoso ou arvoreta de até 3m de altura, com folhas simples, frutos globoides medindo até 12 cm, com numerosas sementes envolvidas por um arilo róseo cheiro de um líquido adocicado. É originado da Ásia e espalhada em toda a região do mediterrâneo, sendo cultivada em quase todo o mundo inclusive no Brasil. Os entrevistados recomendam para alívio de dores de garganta, gripe, febre, sinusite e tosse. A literatura indica também para o tratamento de inflamação na boca e na garganta, catarata, vermes, diarreia crônica e disenteria amebiana, contra gengivites e faringites, afecções vaginais e leucorreia (LORENZI e MATOS, 2002).

Os dados mostram que é comum as espécies medicinais serem denominadas por diferentes nomes populares, variando de região para região como evidenciado com as espécies citadas nesta pesquisa. Oliveira e Gondim (2013) também notou esse fato em seu trabalho, pois alguns moradores da região de Caldas Novas, GO, citavam erva-de-santa-maria e outras mastruz, sendo que as duas são a mesma planta denominada cientificamente de *C. ambrosioides*. Na pesquisa realizada em Araguaína, TO alguns entrevistados referiram a *C. densiflorus* como capim-santo ao passo que outros denominaram de capim-cidreira.

Algumas espécies vegetais apresentam nomes populares que são os mesmos utilizados no meio comercial, como exemplos temos *Artemisia vulgaris* denominada anador e a *Menta arvensis*, cujo nome vulgar é vick. Outras espécies apresentam nomes populares que remetem a sua indicação, como por exemplo, quebra-pedra relatado por Jesus *et al.* (2009).

As espécies de Cerrado como *Schinus terebinthifolius* (aroeira) e *Stryphnodendron adstringens* (barbatimão) possuem ação medicinal comprovada segundo a pesquisa realizada por Bessa *et al.*(2013) com espécies coletadas no município de Gurupi, TO onde foi comprovada a presença de constituintes fitoquímicos, que atuam como anti-inflamatórios, antimicrobianos e analgésico, proporcionando a cura de feridas, queimaduras, inflamações, úlceras gástricas, cicatrização e a melhora de problemas estomacais.

O extrativismo de plantas nativas do bioma Cerrado para fins medicinais precisa ser feito com muita cautela, para evitar alterações nas populações naturais, tendo em vista, que a parte, mas retirada para uso na medicina caseira é a casca da planta, tirada de forma errada pode ocasionar até mesmo a morte da planta levando assim a uma perda da biodiversidade, impossibilitando com isso que mais pesquisas sejam realizadas para melhor conhecimento da eficácia dessas plantas e futuramente a produção de remédios farmacológicos a partir dos seus princípios ativos. (BESSA *et al.*, 2013; ALMEIDA NETO; BARROS; SILVA, 2015).

Os resultados da pesquisa chamam a atenção para o uso de plantas medicinais com características tóxicas, as quais corresponderam a 10% das espécies citadas pelos entrevistados, que afirmaram utilizar *Aloe vera* (babosa), *Ruta graveolens* (arruda), *Symphytum officinale* (confrei), *Artemisia absinthium* (losna), *Chenopodium ambrosioides* L. (mastruz), *Euphorbia tirucalli* (pau-pelado), *Sambucus nigra* (sabugueiro) e *Salvia officinale* (sálvia) para alívio de sintomas e cura de diferentes enfermidades. Importante ressaltar que as três primeiras espécies, quando ingeridas, podem induzir abortos (RITTER *et al.*, 2002). Para *Symphytum officinale* existe relatos na literatura que está causa problemas renais e hepáticos, podendo seu uso prolongado pode ocasionar câncer hepático devido a ocorrência de alcaloides pirrolizidínicos (ROITMAN, 1981 *apud* SAITO; OLIVEIRA, 1986). GOMES *et al.*(2001) em seu estudo em Morretes, no estado do Paraná, verificou que a população faz uso de espécies medicinais tóxicas sem conhecimento sobre os danos que estas podem causar a saúde humana.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados obtidos, podemos concluir que a população amostrada do município de Araguaína, TO, possui conhecimento sobre plantas medicinais e utiliza plantas nativas e

exóticas para tratar e prevenir doenças. Os entrevistados citaram 80 espécies medicinais para tratar 57 doenças e sintomas, com relevância para as relacionadas a problemas respiratórios.

Cabe ressaltar que são necessárias mais pesquisas no campo da etnobotânica e na área farmacológica, atuando no resgate das informações sobre as propriedades medicinais e na comprovação da eficácia do uso destas no alívio ou cura das enfermidades, assegurando deste modo o uso seguro para a população.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J.M. **Plantas tóxicas no jardim e no campo**. Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP). Belém. 120p. 1980.
- ALMEIDA NETO, J. R.; BARROS, R. F. M.; SILVA, P. R. R. Uso de plantas medicinais em comunidades rurais da Serra do Passa-Tempo, estado do Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista de Brasileira de Biociência**, Porto Alegre, v.13, n. 3, p. 165-175. 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/3280/1290>>. Acesso em: 26 de fev. 2016.
- ALTHAUS-OTTMANN, M. M.; CRUZ, M. J. R.; FONTE, N. N. Diversidade e uso das plantas cultivadas nos quintais do Bairro Fanny, Curitiba, PR, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 39-49. jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1646>>. Acesso em: 26 de fev. 2016.
- AMOROSO, M. C.M.; GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barbacena, PA, Brasil. **Boletim Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v.4, n. 1, p. 47-131. 1988. Disponível em: <<http://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/310>>. Acesso em: 10 de jun. 2016.
- BATTISTI, C. *et al.* Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 338-348. jul./ set. 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/2457/1205>>. Acesso em: 19 de abr. 2016.
- BERG, M. E. **Plantas medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático**. 3ª edição. São Paulo: Gráfica. 2010.
- BESSA, N. G. F. *et al.* . Prospecção fitoquímica preliminar de plantas nativas do Cerrado de uso popular medicinal pela comunidade rural do assentamento Vale Verde- Tocantins. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Campinas, v. 15, n. 4, p. 694-707. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v15n4s1/10.pdf>>. Acesso em: 19 de fev. 2014.
- BOTREL, R. T *et al.* O uso da vegetação nativa pela população local no município de Ingaí, MG, **Acta Botânica Brasileira**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 143-156. jan./ mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v20n1/14.pdf>>. Acesso em: 19 de fev. 2014.
- BRASIL. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA**. O que devemos saber sobre medicamentos. 2010. Disponível em: file:///C:/Users/STI/Downloads/Cartilha-%20o%20que%20devemos%20saber%20sobre%20medicamentos.pdf>. Acesso em: 15 de jun. de 2015.
- BRASIL. Primeiro relatório nacional para conservação sobre diversidade biológica: Brasil. **Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e da Amazônia Legal**. Brasília. 1998.

- CAVALLAZZI, M. L. **Plantas na atenção primária a saúde**. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas). Centro de Ciências Médicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88822/267124.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- ELISABETSKY, E. **Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras**. In: RIBEIRO, Darcy. (Ed) Suma Etnológica Brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes. v. 1. 1997. Etnobiologia.
- EMBRAPA. **Noni (*Morinda citrifolia* L.)** 2009. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/630770/1/PA09025.pdf>> Acesso em: 10 de junho de 2016
- FREITAS, A. V. L. *et al.* Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintas do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 48-59. jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1833>>. Acesso em: 19 de fev. 2016.
- GOMES, E. C. *et al.* Plantas medicinais com características tóxicas usadas pela população do município de Morretes, PR. **Revista Visão Acadêmica**. Curitiba v.2, n.2, p.77-80. Jun – Dez 2001. Disponível em: <<http://www.visaoacademica.ufpr.br/v2n2/morretes.htm>>. Acesso em 13 de jun. 2016.
- HAMILTON, A. C. *et al.* **The purposes and teaching of applied ethnobotany. People and Plants Working Paper 11**. WWF, Godalming, UK. 72p. 2003.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 16 de maio de 2016.
- JESUS, N. Z. T. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas popularmente utilizadas como antiúlcera e anti-inflamatórias pela comunidade de Pirizal, Nossa Senhora do Livramento-MT, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1ª, p. 130-139. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v19n1a/23.pdf>>. Acesso em: 19 de fev. 2016.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Mediciniais no Brasil - nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.
- LORENZI, H.; MATOS, J. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª edição, São Paulo, Instituto Plantarum. 2008.
- LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. 1ª edição, São Paulo, Instituto Plantarum. 2009.
- MACHADO, L. H. B. As representações entremeadas no comércio de plantas medicinais em Goiânia/ GO: uma reflexão geográfica. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 159- 172, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v21n1/v21n1a11.pdf>>. Acesso em: 07 de mar. 2012.
- MARTIN, G.J. **Ethnobotany – A methods manual**. London, Ed. Chapman & Hall. 1995.
- MEYER, L.; QUADROS, K.; ZENI, A. L. B. Etnobotânica na comunidade de Santa Bárbara, Acurra, Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Biociência**, Porto Alegre. v.10, n. 3, p. 258- 266. jul./ set. 2012. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/viewFile/1651/1131>>. Acesso em: 26 de fev. 2016.
- OLIVEIRA, O. F. V.; GONDIM, M. J. C. Plantas medicinais utilizadas pela população de Caldas Novas, GO e o conhecimento popular sobre a faveira (*Dimorphandra mollis* Benth-Mimosoideae). **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 1, p. 156-169. 2013. Disponível em: <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/rbagroecologia/article/view/12856/8865>>. Acesso em: 11 de jun. 2015.

- OLIVEIRA, L. S. S.; FERREIRA, F. S.; BARROSO, A. M. Erva de Santa Maria (*Clenopodium ambrosioides* L.): Aplicação clínica e formas tóxicas – Revista de literatura. **Jornal Brasileiro de Ciências Animal**, v. 7, n. 13, p. 464-499. 2014.
- OLIVEIRA, R. B.; GODOY, S. A. P.; COSTA, F. B. **Plantas tóxicas: conhecimento para prevenção de acidentes**. Editora Holos. 64p. 2006.
- PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica- Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, v. 20, n. 4, p. 751-762. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v20n4/01.pdf>>. Acesso em 10 de maio. 2012.
- PIZZIOLO, V. R. *et al.* Plantas com possível atividade hipolipidêmica: uma revisão bibliográfica de livros editados no Brasil entre 1998 e 2008. **Revista Brasileira de plantas medicinais**, Botucatu, v. 13, n. 1, p. 98- 109. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v13n1/v13n1a15.pdf>> Acesso em: 07 de mar. 2012.
- RITTER, M. R. *et al.* Plantas usadas como medicinais no município de Ipê, RS, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 12, n. 2, p. 51-62, jul./ dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v12n2/a01v12n2.pdf>>. Acesso em: 18 de jan. 2016.
- RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. **Plantas medicinais no domínio dos Cerrados**. Editora da Universidade Federal de Lavras. 180p. 2001.
- SAITO, M. L.; OLIVEIRA, F. de. Confrei – virtudes e problemas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 1, n. 1, p. 74-85. São Paulo, 1986. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-695X1986000100009>>. Acesso em: 10 de junho de 2016.
- SILVA, L. E.; QUADROS, D. A.; NETO, A. J. Estudo etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais utilizadas na região de Matinhos PR. **Ciências e Natureza**, v.37, n. 2, p. 266-276, mai./ ago. 2015. Disponível em: <[periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/download/15473/pdf](http://periodicos.ufsm.br/cienciaenatura/article/download/15473/pdf)>. Acesso em: 31 de mai. 2015.
- SILVA, C. G. *et al.* Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, n. 1, p. 133-142, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v17n1/1983-084X-rbpm-17-01-00133.pdf>>. Acesso em: 10 de jun. 2016.
- TROPICOS, do Missouri Botanical Garden (W3 TROPICOS, 2015). Disponível em: [www.tropicos.org](http://www.tropicos.org). Acesso em: 26 e 27 de abril de 2016.
- USTULIN, M., *et al.* Plantas medicinais no mercado Municipal de Campo Grande – MG. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 3, p. 805-813, jul./ set. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v19n3/26.pdf>>. Acesso em: 10 de Jun. 2016.